

Música sem fronteiras

Reprodução



Ivo Perelman: jazz que foge da música fácil como o diabo foge da cruz

Flavio Chamis e Ivo Perelman, brasileiros radicados há décadas nos EUA, apresentam gravações de um repertório que transcende as categorias tradicionais de sua arte. Por **João Marcos Coelho**

É curioso como os adjetivos e rótulos que costumamos colar à palavra "música" acabaram caindo num lixão do qual jamais deveriam ter saído. Os itinerários de dois músicos brasileiros radicados há bastante tempo nos Estados Unidos são prova eloquente de que não dá mais para colocar cercadinhos, marcando com giz "isso aqui é música popular", "este outro é música erudita", "aquela lá é *world music*", e assim por diante.

De um lado, Ivo Perelman, saxofonista, 46 anos, um dos grandes nomes do *free jazz* atual (o movimento nasceu na virada dos anos 1960, com Ornette Coleman, Cecil Taylor, Don Cherry e outros, e pregava a improvisação coletiva, sem nenhum parâmetro a não ser a comunhão instantânea das sensibilidades dos músicos participantes); de outro, o maestro Flávio Chamis, pouca coisa mais velho, que estudou na Academia Rubin de Israel, regência em Detmold, e foi assistente, nos anos 1980, de um dos raros gênios da regência no século 20, o notável Leonard Bernstein.

Eles são responsáveis por três cbs que chegaram há pouco às lojas brasileiras. As gravações, de excelente consistência musical, são surpreendentes. Por exemplo, o ex-assistente de Bernstein faz um disco inteiro de música popular brasileira, bastante digerível, tanto quanto dezenas de outros do mesmo selo Biscoito Fino (que, cá entre nós, recria quase sempre o universo musical da bossa nova).

E o jazz de Perelman foge da música fácil como o diabo da cruz. Prefere a improvisação sem tema. Mas Ivo é um dos mais talentosos e experientes músicos de *free jazz* da atualidade. Não por acaso, é autor de 29 cbs lançados no mercado internacional nos últimos 17 anos; no trigésimo, que sairá em dezembro, no



exterior, ele estréia como pianista. Ele passa longe das *big bands* de Duke Ellington, Count Basie ou Benny Goodman; tem mais a ver com criadores eruditos contemporâneos como o húngaro Gyorgi Ligeti, ou os poloneses Krzysztof Penderecki e Witold Lutoslawski. Descarta a pulsação como motor rítmico que dá unidade a quem toca e estimula fisicamente quem ouve (princípio, aliás, fundamental de todas as músicas ditas populares). Usa estruturas rítmicas simultâneas e independentes para fazer caminhar a música.

Mas que ninguém se precipite. Em seus primeiros CDs "brasileiros", Perelman pinçou de sua vasta coleção dois títulos emblemáticos: "*The Alexander Suite*" de 1998, e "*The Ventriloquist*", de 2002. Procure ultrapassar a ausência de títulos do primeiro (que é dividido em 8 "Partes"). O sax-tenor de Ivo contracenava com um admirável quarteto de cordas que leva o nome *C.T. String Quartet* (o C. T. é tributo ao papa do piano *free*, Cecil Taylor, por sinal uma das atrações máximas do recente Tim Festival). Comece com a Parte 6, a mais extensa, de mais de 11 minutos, onde o lirismo de Perelman, num arisco colchão de cordas, nos faz caminhar lentamente para um frenesi que conclui num fio melódico suspenso no ar. Aí volte para a Parte 4, onde Ivo chega a rememorar o sinuoso e belo estilo do sax de Johnny Hodges; e volte de novo, desta vez para a Parte 3, onde o lirismo é pedra de toque. Só aí você estará liberado para curtir as demais "Partes" desta excepcional "*Alexander Suite*".

"*The Ventriloquist*" é de 2002 e conta com outra formação instrumental, mais convencional, digamos. Um trio piano-contrabaixo-bateria. A diferença, claro, está nos intérpretes, três feras: a jovem Christine Wodrascka, que adora uma quebradeira; o ótimo baterista Ramón López; e o sensacional baixo do britânico Paul Rogers. A exceção fica por conta de um dos maiores músicos franceses da atualidade, Louis Sclavis. Por isso, comece ouvindo a maravilhosa conversa entre o sax de Perelman e a clarineta-baixo de Sclavis em "*Meliphobia*"; retorne à faixa 1, "*Lambic Search*", onde Perelman terça sons com os timbres do baixo de Paul Rogers. Em "*Fish Brothers*" é a vez de Christine mostrar suas armas surpreendentes ao piano. Mas, para mim, a faixa-título, "*The Ventriloquist*", é daquelas gemas raras: inicia-se com um diálogo entre Perelman e a bateria de López, sobe a temperatura com uma quebradeira onde se destaca o piano, e ao final o brasileiro alterna, com sutileza, o som do sax com sua própria voz, num quase gregoriano do século 21.

Se mantivéssemos a elitista concepção das músicas erudita e popular, poderíamos dizer que enquanto Ivo Perelman toma o elevador para cima, Flávio Chamis aciona o botão do térreo. Ele quer fazer sucesso, e

trabalha com vocabulários musicais bem mais palatáveis. Daí o clima de brincadeira bossanovista pairando todo o tempo no ar. Principalmente na faixa-título que evoca o nosso Cabral descobridor. Chamis convocou remanescentes da bossa, como a cantora Joyce, o trompetista Cláudio Roditi (outro emigrado de muito tempo) e vários músicos internacionais. O resultado é sempre agradável, embora a sensação de surpresa jamais se concretize.

Está certo que lobo que é lobo não se esquece das coisas – e Chamis não foge à regra. Intrigante o "*Tristan' Blues*", que brinca com o célebre "Acorde de Tristão", de Wagner, que os historiadores da música unanimemente apontam como o abre-alas para a revolucionária música do século 20. Ou o "Samba pra quem sabe" onde Chamis esbanja categoria passeando por cinco tonalidades diferentes sem que o ouvido leigo perceba.

Mensagens cifradas, no entanto, não são decisivas. Arrigo Barnabé, no início de sua carreira, adorava acrescentar tiques stravinskianos em sua música. A crítica caiu de quatro, adorando a novidade. Mas o público pouco liga pra isso. O que importa é a sonoridade, a batida, o *swing*.

E antes que alguém me acuse de trabalhar com dois pesos, duas medidas, assumo com simplicidade que o disco de Chamis é bom – bom até demais para os padrões populares –, mas não tem a cara dele. Chamis é maestro, deve perseguir antes de mais nada seu objetivo de vida. Digo isso porque, certamente num ato falho, ele coloca o fac-símile de uma cartinha de recomendação de Bernstein pra ele no encarte do CD. Não precisaria disso. Até porque o grande Leonard o elogia como... regente, e não como compositor popular.

Por outro lado, quem se interessar pelas gravações de Ivo Perelman, anote que é necessário adotar uma escuta mais ativa e concentrada para curtir o seu *free*, com toda certeza. E talvez aí esteja a graça deste duplo desafio que o saxofonista coloca para o público brasileiro. □

João Marcos Coelho é crítico musical

O jazz de Perelman foge da música fácil como o diabo da cruz. Prefere a improvisação sem tema. Mas Ivo é um dos mais talentosos e experientes músicos de *free jazz* da atualidade. Não por acaso, é autor de 29 CDs lançados no mercado internacional nos últimos 17 anos